

# MOBILIZAR PARA RENASCER

## CPI DA PREVIDÊNCIA RELATÓRIO FINAL

Temos de nos mobilizar no sentido do desarquivamento do Relatório Final da CPI da Previdência, peça crucial que não pode ser subtraída ao país a reclamar análise profunda e ampla, podendo constituir-se passo inicial para, combinada com medidas subsequentes, mudar definitivamente a perversa realidade econômico/social do Brasil, direcionando-o para o caminho traçado pelos Artigos 2º, 3º e 4º da Constituição Federal.



## ONAIR NUNES

Tal como o caracteriza a melhor teoria, racionalismo filosófico é o modo mais seguro de adquirir-se o conhecimento verdadeiro. Não é bicho de sete cabeças, nem é coisa tão profunda que mereça figurar ao lado de ameaça de ser devorado na hipótese de não decifração; seus sacerdotes são mais familiares do que imaginaria quem se impressiona com designações pomposas destinadas precisamente a criar ou manter reservas de conhecimento que proporcionem fama e fortuna, Descartes, do *penso, logo, existo*, muito conhecido e apreciado, entre eles, acompanhado por Leibniz e Baruch Espinoza.

Tudo bem, mas o que tem o racionalismo filosófico a ver com o que disse Soraya Therezinha Colmenarez?

*O lugar de Sérgio Moro é na cadeia! Ele e os procuradores são os responsáveis por este caos!*

Tem sim, muito, considerando os momentos históricos que nos conduziram ao Brasil que estamos vivendo. Perturbador. Duas razões: (1) Os brasileiros estão inseguros, (2) passamos por mudanças que nada têm de liberal; ao contrário, são escravizantes, destrutivas e oligarcas. Sem nenhuma novidade, estamos claramente mergulhados em uma crise profunda e multifacetada que só poderá ser contida e revertida por uma renovação existencial. E aqui entra o racionalismo filosófico, aplicá-lo à nossa História com o ânimo de provocar o renascimento do país; é possível, e não apenas possível, necessário, indispensável, sair do caos para a ordem existencial, tomando as medidas cabíveis, enquanto deixamos os responsáveis históricos pela nossa infelicidade se consumirem em suas manobras, jeitinhos e omissões. Aconteceu conosco: Os recursos do Brasil foram dilapidados ou absorvidos ao longo de sua História por grupos dominantes que desenvolveram uma cultura dissimulada e indireta do domínio tornada perversamente exclusiva, relegada ao abandono ou ao mínimo possível a parte da população que está na base da pirâmide social, vítima do paternalismo e da indústria da pobreza.

Antecipando os últimos Artigos, reedita-se, como a seguir, Querem-nos Republicueta, publicado em 26 de Dezembro de 2017.



É diferente, uma Economia nada tem a ver com a outra, embora a rica história econômica argentina, decolada à força da experiência, inspiração e capitais ingleses. A começar por aí. Durante a década de 1880, 40% (quarenta por cento) de todo o capital britânico investido no exterior o foi na Argentina para financiamento da rede ferroviária, acrescida como resultado de algo superior a 6.000 (seis mil) quilômetros, elevando-a para uma dimensão total próxima dos 40 000 (quarenta mil) quilômetros (Fonte: Los estancieros y el capital británico, María Sáenz Quesada, Buenos Aires, 1980, Editorial de Belgrano, 1982).

Em 1880 a malha ferroviária brasileira era de 3.488 (três mil, quatrocentos e oitenta e oito) quilômetros, praticamente metade do acrescido à malha argentina apenas naquela década, o Brasil ainda Império e totalmente de inspiração portuguesa. Malha ferroviária é infraestrutura — logística. Sem tal elemento um país não cresce economicamente. Hoje o Brasil tem um déficit em sua malha ferroviária praticamente igual à malha argentina da década de 1880. É de horrorizar qualquer um. Não querem que o Brasil se desenvolva. Isso não é apenas estupidez aliada à incompetência.

A população argentina fixa-se ao redor dos 45 (quarenta e cinco) milhões, sua força de trabalho alcança 11 (onze) milhões e 700 (setecentos) mil empregada e mais de 1 (um) milhão de desempregados, totalizando perto de 12 (doze) milhões e 800 (oitocentos) mil, superior a 28% (vinte e oito por cento) de sua população total. Seu PIB em 2016 foi de, arredondados, 546 (quinhentos e quarenta e seis) bilhões de dólares americanos. A população do Brasil é de cerca de 4 (quatro) vezes e meia a população da Argentina, seus desempregados fixam-se nos 13 (treze) milhões e 300 (trezentos) mil, sem computar os subempregados, para uma força de trabalho de 104 (cento e quatro) milhões, cerca de 50% (cinquenta por cento) de sua população total, relevante registrar que a força de mão de obra no Brasil é pessimamente utilizada. O PIB brasileiro em 2016 girou em torno de 3 (três) vezes o PIB argentino, havendo alcançado na Administração anterior a marca de 4 (quatro) vezes e meia, quando figurou entre as 7 (sete) maiores Economias do Planeta. A Argentina ocupa a 22ª posição no ranking.

Dados a fazer da coincidência decisória argentina na matéria um tiro pela culatra, pesem as diferenças dos grandes números: (1) O Brasil já produziu 4 (quatro) vezes e meia a mais do que a Argentina, figurando entre as 7 (sete) maiores Economias do Planeta sem nenhuma reforma esquisita, quando a Argentina nunca ocupou na história econômica recente qualquer posição no ranking aquém da 20a. (2) A providencial reforma da Previdência argentina gerará, em Reais, uma economia de 18 (dezoito) bilhões; só a caridade da Administração do Brasil com os maus pagadores do FUNRURAL (queira ver o artigo anterior) envolve 17 (dezesete) bilhões de Reais; (3) A força de trabalho, ou população ativa, argentina está em 12 (doze) milhões e 800 (oitocentos) mil, cerca de 28% (vinte e oito por cento) de sua população total; a força de trabalho, ou população ativa, brasileira está em 104 (cento e quatro) milhões de trabalhadores, cerca de 50% (cinquenta por cento) da população total, seja, mais de oito vezes a força de trabalho, ou população ativa, argentina, compreendendo um universo muito maior de espoliados.

A coincidência pode não ser apenas coincidência, o Grande Irmão é o mesmo.

A capacidade brasileira de reinventar-se, hoje, é infinitamente superior à do passado, a uma pelas cabeças, mais abertas como resultado de não se haverem formado a toque de princípios rígidos e tantalizantes — não técnicos —, e a duas porque uma formidável capacidade de realização lateja nas gerações mais novas não corrompida de realizações antigas, com suas práticas e modelos anti-lei e anti-forma. Cuide-se dos jovens e seu cabedal de sonhos, aqui ponto para eles, que os ensinaram a sonhar, mas não a lutar pelos seus sonhos. Esqueça-se Miami e suas quinquilharias com que aquele ex-presidente malicioso quis fisgar os brasileiros porras-loucas, começar a assentá-los em suas reservas e tomar-lhes o dinheiro na forma de impostos locais. Para o bem deles. Ao mesmo tempo subtraindo-os ao Brasil como consumidores, uma forcinha para os bagunceiros. Miami é a rota dos ineptos que nada querem construir além de sua riqueza e segurança pessoal, em solene desprezo pelo Brasil.

Os jovens realizadores e empreendedores, esse é um caminho importante. As velhas raposas estafaram-se em suas espertezas, mumificaram-se em seu jogo de cartas marcadas e em suas cumplicidades lriminosas, enganosas, assentadas em mentiras e falsidades; suas lideranças são padrão de malícia e dissimulação, acenam com quirelas, mesmo assim nem sempre realizáveis, para se reservarem *la crème*. Tudo é mentira, tudo é encenação e interesse, os jovens de 18 (dezoito) a 30 (trinta) anos com a taxa de desemprego quase a dobrar neste final de ano, a quererem apenas trabalho, sendo usados como massa de manobra.

Guarde-se bem disso: A lei dos grandes números só é usada para a prestidigitação, é a apresentação da floresta quando necessário ver-se as árvores, o detalhe, o âmago. A verdadeira Economia não é feita de quantidades figurativas, mas dos detalhes que serpenteiam quase ocultos e constituem as bases reais de toda realização no ramo. É no âmago que vive a essência, é no íntimo que está a natureza das coisas, para o bem e para o mal. Fora deles tudo é encenação. Nada há de mais enganador do que o simples alinhar de fatos e números desconexos adrede reunidos e aleatoriamente jogados na folha de papel, na tela do computador ou da televisão para o fim de convencimento, nunca, nesta hipótese, bem intencionado.

2017 está acabando como deverá começar 2018, a farra caminha para o fim. Enquanto isso é necessário evitar outros estragos, deter essa máquina que apenas destrói, parar com o preparo de infelicidades, insegurança e medo. Encher-se de dívidas no Natal? Cuidado! Não se deixe eletrizar pelas pilhas, uma crueldade praticada contra os crédulos. Rememore: Quando a Corte Excelsa colocou na última semana um ponto final no discurso do nós podemos tudo, a primeira reação foi vamos aumentar/criar impostos. Preste atenção, guarde isso com você: Quem não sabe adequar custos e equilibrar receitas e despesas não sabe administrar, é um mero, às vezes empavonado aprendiz de feiticeiro. A capacidade de pagar do povo brasileiro para nada receber em troca está batendo no limite, esgotando-se, esgotou-se, não há mais espaço para onerações. 52 (cinquenta e dois) milhões de patrícios na miséria, aqui e ali frente aos nossos olhos, precisam comer alguma coisa ou comer decentemente, e essa gente que aí circula não deixa. A última boa nova é emblemática: Aquele cavalheiro, no exercício da atividade permanente de derrubar pessoas presidenciais, um hábito que não consegue superar, partiu para derrubar aquele senhor de Pernambuco, que, reagindo, definiu o primeiro cavalheiro como canalha, depois, raciocinando melhor, disse que o melhor termo para defini-lo é o de crápula. Eles se conhecem muito de perto, o segundo cavalheiro deve saber bastante bem do que está falando, é parte da máquina, afinal. Examine-se o resultado do trabalho da Polícia Federal, nome por nome, e veja-se se algum país consegue sobreviver a um grupo do naipe que aí está.

Sem badernas ou passeatas! Isso alimentará os baderneiros que atiraram o Brasil ao desgoverno, à falta de rumo, ao deserto da incompetência e de ideias. Deixem que se estiolem, que se esgotem em si mesmos. É melhor, temporariamente, “congelar-se” o país do que ajudar a cavar-lhe a sepultura; bastam-lhe os covéis já existentes.

